



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 14 | Nº. 27 | Jul./Dez. de 2022

**Bruna Lacerda**

Mestranda em História pela Universidade Federal Rural do  
Rio de Janeiro

[bls.lacerda@outlook.com](mailto:bls.lacerda@outlook.com)

**Alessandro Wagner R. Possati**

Mestrando em História pela Universidade Federal Rural do  
Rio de Janeiro

[al.possati@gmail.com](mailto:al.possati@gmail.com)

## ENTRE O ZIKONAHITI E O FOOTBALL: a pátria em jogo nos jornais da capital federal no Centenário da Independência (1922).

---

### RESUMO

Pretendemos questionar o motivo pelo qual os indígenas *Halíti* (Paresí) tiveram sua atividade ritualística - o *zikonahiti* - exposto pelo Estado brasileiro durante as comemorações do Centenário da Independência em 1922, assim como entender a comparação produzida pelo evento entre o jogo indígena e o *football*. Para isso, analisamos jornais da época, levando em conta as políticas nacionalistas do contexto.

**Palavras-chave:** *zikonahiti*. Paresí. Indígenas. Centenário da Independência. História indígena.

## BETWEEN ZIKONAHITI AND FOOTBALL: the homeland in game in the newspapers from federal capital in Independence Centenary (1922).

---

### ABSTRACT

In this article we intend to question why the indigenous *Halíti* (Paresi) had their ritualistic activity - the *zikonahiti* - exposed by the Brazilian State during the celebrations of Independence Centenary in 1922 - as well as to understand the comparison produced by the event between the indigenous game and football. For this, we analyzed newspapers of the time, taking into account the nationalizing policies of the context.

**Keywords:** *Zikonahiti*. Paresí. Indigenous peoples, Independence Centenary. Indigenous history.

## Introdução

O *zikonahiti*<sup>1</sup> é um jogo de bola dos indígenas *Halit*<sup>2</sup> (Paresi) do Mato Grosso que na década de 20 - durante as comemorações do Centenário da Independência - foi apresentado às massas da capital federal em meio a um questionamento sobre a identidade brasileira. Esse período se inicia com uma crise financeira do pós-guerra que duraria de 1919 até 1922, ocasionando um grande descontentamento das camadas baixas e médias, crise oligárquica e a necessidade de se repensar a nação visto que a Primeira Guerra teve um forte impacto na intelectualidade mundial, fazendo com que as gerações que a vivenciaram atentassem à necessidade de olhar as problemáticas do Estado. Por isso, para esse grupo, era uma missão tornar a República algo nacional (MOTTA 1992, p. 27).

A busca pela nacionalidade ocorre em um momento de efervescência de questões acerca da brasilidade, o mesmo contexto que culmina na Semana de Arte Moderna de São Paulo, onde indígenas são exaltados como figuras chave na produção de um país que respeita suas raízes e constrói-se fortemente a partir delas. Como é possível notar nas citações jornalísticas sobre o *zikonahiti*, existia uma pretensão compartilhada na formação de uma nação unificada: “Da fusão entre o Brasil e seus filhos originários, evoca-se o destino nacional! A grandeza do país estava na grandeza da sua terra e na união de suas gentes!”<sup>3</sup>

O jogo dos Paresí apesar de ser ritualístico logo foi visto como possibilidade de afirmação nacionalista por viajantes que representavam o poder oficial. Não havia nenhuma pretensão nos membros da sociedade dita civilizada em compreender as lógicas presentes naquela disputa indígena. O que tínhamos, portanto, era o esvaziamento de uma prática que demonstrava a pluralidade da perspectiva cosmológica dos povos do interior do Brasil com a relação entre o sagrado e o lúdico.

<sup>1</sup> O termo “zicunati” não é indígena, mas é corriqueiramente utilizado pelos jornais da época. Segundo o Instituto Socioambiental (ISA) o nome dado pelos indígenas ao jogo é *zikonahiti*. Utilizamos o primeiro apenas no momento em que analisamos os periódicos, respeitando o nome indígena ao longo do texto. Ver PARESÍ - povos indígenas no Brasil: jogos. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Pares%C3%AD>>. Acesso em: 26/07/2022.

<sup>2</sup> É necessário frisar que o termo: “Paresí” não corresponde ao nome indígena da etnia, escolhemos utilizá-lo assim em detrimento da autodenominação: *Halitis*, por conta do amplo emprego de sua forma anterior pelos jornais e textos de época.

<sup>3</sup> ZICUNATI, *a partida de hontem disputada pelos indios parecis*. *O Paiz*, Sports: Foot-ball, Turf, Rowing e outros. Rio de Janeiro, p. 5. 27/11/1922. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691\\_05&pesq=zicunati&pagfis=11543](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_05&pesq=zicunati&pagfis=11543)>. Acesso em: 25/06/2022.

A apresentação no Centenário foi modelo representativo tanto para mostrar um novo tipo de indígena brasileiro, o pacificado, quanto para expor o controle do Estado sobre seu *ethos*. O indígena que vinha do interior para a então capital correspondia ao sucesso das missões de ampliação do poder político do Estado e da civilidade moderna que o Brasil construía. A fim de tratar especificamente da apresentação dos Paresí nas Laranjeiras, e de sua influência no imaginário nacional, utilizamos os relatos de periódicos, são eles: *Correio da Manhã*, *O Paiz* e *O Imparcial*, todos da cidade do Rio de Janeiro. Essa escolha se faz por conta do maior número de aparições do termo “zicunati” nas páginas dos jornais citados, além de sua relevância no meio social. Utilizamos como meio de busca a hemeroteca da Biblioteca Nacional, onde os periódicos da capital ganham destaque ao falar do evento do jogo, muito provavelmente por um interesse direto nas festividades do Centenário.

Atentamos aos periódicos utilizando a ferramenta de busca da Hemeroteca entendendo que essas publicações marcam, no início do século XX, uma representação da opinião pública. Sendo parte deles jornais em circulação ampla na capital federal, compreendemos também que há uma representatividade em nosso recorte do olhar oficializado acerca do evento por meio desses documentos, que possuíam distinta circulação, possibilitando indeferimentos acerca da opinião pública contemporânea ao jogo.

Observamos passagens de um curto período, dois dias antes e dois após ao certame, como forma de compreender as reações diretas dos espectadores e formadores de opiniões. Pretendemos elucidar as causas da escolha do *zikonahiti*, para a figura destacada do esporte nacional. Em sua apresentação há uma relação intrínseca com o *football*, que já ganhava contornos de atividade esportiva mais popular do país. Tal comparação precisa ser questionada, sendo ela prática, por as duas serem disputas envolvendo bolas, ou política, por possibilitar a supressão de um jogo originado em território estrangeiro e criticado por alguns membros da sociedade como extremamente violento (BARRETO 1918 [2014], p.60).

Segundo Paul Kirchhoff (2009), jogos disputados com bolas de borracha são uma marca comum aos povos indígenas americanos, sendo diferenciados apenas na região mesoamericana, onde as partidas são disputadas em campos específicos. Esse tipo de prática recebe poucos estudos quando se trata dos indígenas amazônicos justamente por conta da ausência de grandes campos, que tornam os jogos de bola

entre os povos mesoamericanos mais atraentes para estudos em áreas como a arqueologia, justamente porque deixam mais esclarecidos os vestígios da prática.

### Os indígenas na República e o Centenário da Independência

“(…) os parecis, com o máximo acatamento proclamaram o juramento à bandeira nacional, pela qual demonstraram grande respeito.”<sup>4</sup> A ação patriótica de veneração à bandeira nacional é um ato corriqueiro nas representações indígenas do contato. O movimento é carregado de simbologias nacionalistas na qual o “ser selvagem” está - para o triunfo do projeto civilizatório - a passos de ser pacificado e integrado à nação. Havia uma forte preocupação com a imagem do novo país que se estava constituindo, uma República de 33 anos de existência - paradoxalmente nova e velha-que ainda lutava por uma estabilidade permanente.

Pertencentes ao tronco linguístico Aruak, são habitantes do estado do Mato Grosso e se autodenominam como *Halíti*,<sup>5</sup> todavia, durante o século XVIII, passaram a ser vulgarmente chamados como Paresí, batizados assim pelo bandeirante Antônio Pires de Campos<sup>6</sup>. A história de contato do homem branco data do século XVII, havendo uma aproximação intensa até o período contemporâneo. Justamente em meio a esse processo, ocorre o evento do jogo no centenário.

Essas populações também foram combatentes por meio de alianças e negociações com o homem branco em busca da própria sobrevivência - como foi o caso dos Bororós com Antônio Pires de Campos - constantemente, os indígenas promoviam ações de domesticação e amansamento da alma dos caraíbas<sup>7</sup> como forma de evitar ataques, por isso, os descendentes dos homens ocidentais, após esse período, aparecem mais mansos e menos violentos nas narrativas indígenas (GUERREIRO JÚNIOR 2015, p. 107). Já no início do século XX surge a figura de Cândido Rondon, militar positivista encarregado de comandar o projeto de integrar os

---

<sup>4</sup> ZICUNATI, *a partida de ontem disputada pelos índios parecis*. op. cit. p. 5. Acesso em: 25 jul. 2022.

<sup>5</sup> Segundo o ISA o nome significa “gente”. PARESÍ. Povos Indígenas no Brasil, 26 jul. 2018. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Pares%C3%AD#Nome>>. Acessado em: 7 set. 2020.

<sup>6</sup> Famoso bandeirante que usava da violência para escravizar e subjugar vários povos indígenas, angariou apoio entre os Bororós para sua empreitada sertanista. Aparece, constantemente, nos relatos dos índios como um branco violento que invadia aldeias, matando e sequestrando índios. No trabalho etnográfico desenvolvido por Antonio Roberto Guerreiro Júnior (2012, p.107), aparece a hipótese de que ele havia mantido contato com os índios Kuikuro, da região do Alto Xingu. De acordo com estes índios, um antepassado seu, de perfil vingador, chamado *Kuirálu*, matou Pires de Campos com uma flechada, o que converge com a narrativa histórica.

<sup>7</sup> Termo comum para fazer referência aos homens brancos entre povos indígenas do Alto Xingú.

interiores do Brasil aos centros urbanos através das linhas telegráficas, ele estabelece o pacifismo (SOUZA LIMA 2015, p. 429)<sup>8</sup> como forma de civilização dos ameríndios.

Ao invés de empecilho, alguns grupos indígenas se tornariam agentes que auxiliariam no fortalecimento da nação, dessa forma, o Estado obteria o reconhecimento cidadão desses indivíduos por meio do abandono de sua etnicidade. Essa ação aconteceria através da prática de civilizar aqueles que eram entendidos como selvagens, “pacificando” seus corpos. Ademais esses indivíduos poderiam servir ao país como força de trabalho no cultivo e na proteção das fronteiras (FENELON apud PACHECO DE OLIVEIRA 1998, p. 107). A perceptível carência de políticas voltadas aos indígenas, a intencionalidade de neutralizar os embates entre os povos originários e exploradores e o já respeitado trabalho realizado por Rondon pelos interiores motivou a criação do Serviço de Proteção ao Índio e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPILTN) em 1910.<sup>9</sup>

O surgimento do SPI fortalece a prática de contato pacifista utilizada por Rondon, a partir de então, os inspetores deveriam se aproximar dos índios sem praticar nenhum ato violento e o contato se daria por meio da conquista e adquirindo a confiança do outro. Portanto, era usual que os agentes do órgão levassem consigo produtos industrializados como forma de atrair esses indivíduos. Também foram incorporadas novas práticas - como as de Francisco Meirelles - que promovia invasões à aldeias ou acampamentos forçando o deslocamento dos grupos de seus territórios<sup>10</sup>. Entretanto, elas se mostraram prejudiciais aos indígenas<sup>11</sup>.

---

<sup>8</sup> Rondon reeditou os mecanismos de conquista, como a técnica jesuítica de entrar nos sertões distribuindo presentes, roupas e tocando canções, como o Hino Nacional. Ver SOUZA LIMA, Antonio Carlos de. Sobre tutela e participação: povos indígenas e formas de governo no Brasil, séculos XX/XXI. *Revista Mana*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 429, ago. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132015000200425&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132015000200425&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10/06/2022.

<sup>9</sup> Tendo o órgão por compromisso a garantia da proteção dessa população e sua transformação em trabalhadores rurais, o fim era civilizar os índios de modo que estes pudessem ser integrados à sociedade brasileira, abandonando seus costumes “rudimentares” que os levavam a estar na infância da escala civilizacional.

<sup>10</sup> É válido observar que o deslocamento dos indígenas de suas terras para outros locais não era uma prática exclusiva de Francisco Meirelles, o próprio Rondon, em documento, confirma que também atuava desta forma. “Perto da cataracta existe agora, e desde 1910, uma estação da Linha Telegraphica e ao lado desta, a aldeia de um dos três grupos de índios Parecis, que consegui transferir das suas antigas habitações das cabeceiras do rio Verde e outros, para as proximidades dessa e das demais estações que se encontram indo dahi para Diamantino.” Ver RONDON, Cândido Mariano da Silva. *Conferências realizadas nos dias 5, 7 e 9 de outubro de 1915 sobre trabalhos da Expedição Roosevelt e da Comissão Telegraphica*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, de Rodrigues & C., 1916. 42 v. p. 42. Disponível em: <<https://www.obrasraras.fiocruz.br/media.details.php?mediaID=365>>. Acesso em: 10/06/2022.

Esse movimento de deslocamento se tornou comum no pós-contato, por vezes, se dava por iniciativa dos próprios indígenas que iam para próximo dos postos como forma de ter acesso facilitado aos

A partir do trabalho desenvolvido pelo SPI e nos conflitos indígenas pela luta de permanência na terra,

os indígenas foram inseridos no primeiro Código Civil republicano (Lei nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916, que entrou em vigor em 1917), no seu artigo nº 6, entre os “relativamente incapazes”, junto a maiores de 16/menores de 21 anos, mulheres casadas e pródigos. Em seu parágrafo único, o artigo 6º estabelecia que os “silvícolas” deveriam estar submetidos ao “regime tutelar”, que seria regulado em leis e normas específicas que cessariam à medida de sua “adaptação à civilização”. (SOUZA LIMA 2015, p. 432-433)

Submeter os povos originários ao regime tutelar<sup>12</sup> (SOUZA LIMA 2015, p.430) era uma tentativa de controlá-los, limitando a plenitude do seu exercício cidadão e o direito ao acesso à terra. Logo, percebemos uma grande contradição na intencionalidade do projeto civilizatório, por motivo de, se o trabalho desenvolvido pelo órgão estatal era integrar esses indivíduos à sociedade quando alcançassem - supostamente - o nível intelectual do homem branco, seria ético e imparcial por parte do Estado, julgá-los capazes ou não? Caímos então no que Pacheco de Oliveira irá chamar de “paradoxo da tutela”, no qual “(...) O tutor existe para proteger o indígena da sociedade envolvente ou para defender os interesses mais amplos da sociedade junto aos indígenas?” (PACHECO DE OLIVEIRA 1988, p.122).

Iremos notar que, durante a década de 20 as intensas tentativas de se repensar o país e reformular a identidade nacional, em resposta aos turbulentos acontecimentos sociais e a comemoração do Centenário da Independência, perpassam o imaginário. É um momento crucial para dar, por fim, uma feição definitiva à República. Questões tais quais a escravatura, o genocídio indígena e a criação de mitos e heróis se tornam problemáticas fundamentais para se entender a discussão sobre o Brasil desse período.

O país sofreu no início do XX grandes mudanças sociais com a politização das camadas médias urbanas, dos operários e dos jovens militares, essas transformações impactaram o modelo oligárquico (FRITSCH 2019, p.84). A movimentação da intelectualidade brasileira em reformular o ideário de nação não ocorre somente por conta da Primeira Guerra, mas, também, vislumbrando o aniversário de 100 anos da Independência, essa camada se atentou à necessidade de a comemoração vir

---

produtos industrializados, à alimentação e medidas sanitárias, já que muitos eram cometidos pelas “doenças de branco”.

<sup>11</sup> FREIRE, 2005 apud PACHECO DE OLIVEIRA; FREIRE, op. cit., p. 118.

<sup>12</sup> “(...) exercício de poder de um Estado concebido como nacional.”

acompanhada de um novo sentimento de brasilidade. A descrição da Exposição Internacional, no momento da inauguração, diz:

“Penetrar o recinto da grande feira universal no dia em que a franqueamos ao público era recapitular a história da civilização no Brasil! (...) E parte de todas as bocas um brado de entusiasmo e de orgulho, pelo passado, pelo presente e pelo futuro do Brasil!” (MOTTA 1992, p. 68-69)

Construir esse sentimento patriótico custou caro para os cofres públicos, em plena crise recessiva o país se viu na única condição de pedir empréstimos e aumentar a emissão de papel-moeda, o que não agradou os opositores de Epitácio Pessoa (MOTTA 1992, p. 59). Carlos Sampaio - ao ser indicado para comandar a prefeitura do Rio - já alertava que a falta de dinheiro dificultaria a realização das reformas. Na defesa dos altos gastos e mobilizações, o prefeito do DF disse não se tratar de “ vaidade tola”, mas de “ patriotismo” já que “ a capital de um país seria uma amostra do grau de desenvolvimento, de progresso e de civilização de qualquer nação” (MOTTA 1992, p. 47).

Na opinião de muitos, era tido como um projeto essencial para o momento que a República vivia, seria uma possibilidade de acalmar os ânimos e lembrar das conquistas civilizacionais obtidas pelo Brasil com a Proclamação. A disputa pela reivindicação de um ideário legítimo de República se deu em vários campos da sociedade ao longo da década, por isso, o ano de 1922 é considerado extremamente importante para se entender as modificações sociais que desencadeariam, posteriormente, no esgotamento do modelo oligárquico culminando na Revolução de 30.<sup>13</sup>

A grande questão se centra na dubiedade dos ideais nacionalistas que conviviam entre si e alimentavam, mutuamente, as engrenagens da formação identitária. Enquanto para uns “Um novo Brasil começava a ser representado. Nele já não cabia o argumento determinista racial com seu pessimismo, tampouco o romantismo do movimento indigenista do século XIX, que apenas estetizava os nativos

---

<sup>13</sup> Para os conservadores, não adiantava toda a mobilização política para melhorar esteticamente a área central da capital, pois, para eles, o valor nacional estava no campo, onde havia o verdadeiro homem moderno que estimava os valores tradicionais (MOTTA, 1992, p. 32-33), justificando que as riquezas nacionais vinham das produções rurais (MOTTA, 1992, p. 37). A cidade representava tudo aquilo que havia de mais execrável na sociedade. Já os vanguardistas valorizavam o dinamismo dos centros urbanos e industriais, o homem do campo era um ser atrasado e incapaz de trazer a modernidade que o país precisava, se inspiravam nos ideais europeus que rejeitavam os valores clássicos (MOTTA, 1992, p. 34).

locais e os lia através de lentes francesas.” (SCHWARCZ, 2017, p.447). Para outros, a nação não conseguia alcançar a modernidade por ainda ter que conviver com costumes primitivos dos povos indígenas e dos negros, a única solução seria a superação através da hipervalorização das representações europeias (MOTTA, 1992, p.57).

## O jogo nos jornais

O estádio das Laranjeiras, construído em 1919 para sediar o campeonato sulamericano de futebol, era naquele período o maior da América Latina.<sup>14</sup> Sede do Fluminense F.C., o local possuía um forte apelo entre as classes abastadas do Rio de Janeiro. Ao lado do centro de poder estadual o Palácio Guanabara servia como localidade de representação dos méritos esportivos e físicos da elite que era em sua maioria, branca.

Se observamos as crônicas esportivas de Coelho Neto, assíduo frequentador e sócio do clube, percebemos o como a ideia de uma sociedade avançada e padronizada nas lógicas ocidentais devia ser seguida naqueles gramados. Na visão do literato, os *sporstmen* tricolores eram entendidos como reencarnações dos heróis e atletas da Antiguidade e os adeptos também teriam o padrão clássico tal qual podemos ver na passagem de sua crônica sobre a final do torneio sulamericano de futebol de 1919, quando fala sobre os torcedores que passavam em sua rua a caminho do estádio: “O desfiladeiro da rua Farani lembra o das Thermopylas quando por ele avançaram os Persas” (NETO 1919 [2014], p. 42).

É nas Laranjeiras que os *Haliti* foram apresentados como representantes do Brasil ideal que pretendia se formar, é necessário observar, o peso imagético e imaginativo de se colocar indígenas no maior estádio da capital nacional- o qual aludia a um esporte que ainda não era visto como brasileiro por uns vide críticas fortes de Lima Barreto. (BARRETO 1918 [2014], p. 59-64). O futebol, porém, já despontava em popularidade e sua prática na capital era majoritariamente pertencente as elites, mas na mesma década os clubes passariam por questões políticas e sociais importantes relativas à entrada de jogadores negros em seus plantéis, como vemos em: “Quando o futebol começou a candidatar-se à preferência popular [...]. Naqueles tempos, as

---

<sup>14</sup> ESTÁDIO de Laranjeiras. Fluminense Football Club, site oficial. Disponível em: <<https://www.fluminense.com.br/sobre/estadio-de-laranjeiras>> Acesso em: 01 out. 2020.

regatas e as corridas de cavalos eram as diversões prediletas. Esporte era para ricos, para brancos ou, pelo menos, para pessoas de boa família.” (CARNEIRO [1964] 2010, p. 18).

Quanto a quantidade de espectadores presentes, observamos relatos em dois periódicos: *O Paiz* fala de “uma regular, porém selecta concorrência”<sup>15</sup>. O uso da palavra “concorrência” tem significado de disputa por espaço no estádio, além de ser a única publicação carioca dentre as analisadas a dar sentido de distinção aos presentes através do termo “selecta”. A palavra “regular” é entendida com conotação de quantidade regular de espectadores no estádio. Se notarmos que o esporte bretão era voltado para as elites, a necessidade de reafirmação de uma boa posição social dos presentes se reforça. Como dito anteriormente, o futebol era visto como local de representação de poderes e noções de elitismo social, logo, o jogo indígena que ocupava fisicamente o espaço do maior estádio da cidade teria de apresentar-se no mesmo “patamar”. Esse nível é somente no contexto esportivo, e não social, visto que os Haliti não eram concebidos como iguais, ou cidadãos.

O jogo disputado no Rio é cercado de pretensões políticas, vide a participação de figuras da elite social brasileira do momento. A escolha das Laranjeiras pode ser compreendida porque Arnaldo Guinle - presidente do Fluminense - possuía fortes influências nos movimentos políticos nacionais e bancou com recursos do clube a obra que ampliou a capacidade do estádio para 25 mil pessoas a fim de receber os festejos do Centenário.<sup>16</sup>

O interesse e o tamanho das matérias feitas para se debruçar sobre a partida no *O Imparcial* chamam a atenção. Na data em que o jogo ocorreu a matéria sobre o *zikonahiti* cobre 1/3 da página de esportes. Como forma de convencer o público, as regras e o contexto foram explicados com o subtítulo “*E que vem a ser ‘zicunati’?*”<sup>17</sup>. O interesse demonstrado pela equipe editorial do periódico nos leva a crer que existe uma lógica em não abordarem comparativos com o futebol. Com uma perspectiva que é essencialmente voltada para a apresentação dos indígenas enquanto evento lúdico.

---

<sup>15</sup> ZICUNATI, *a partida de hontem disputada pelos indios parecis*. *O Paiz*, op. cit. p. 5. Acesso em: 25 jul. 2022.

<sup>16</sup> ESTÁDIO de Laranjeiras. Fluminense F.C. Disponível em: <<https://www.fluminense.com.br/sobre/estadio-de-laranjeiras#:~:text=Em%201922%2C%20com%20recursos%20pr%C3%B3prios,centen%C3%A1rio%20da%20independ%C3%Aancia%20do%20Brasil>>. Acesso em: 25 jul. 2022.

<sup>17</sup> “ZICUNATI”, *effectua-se, hoje, no “stadium” do Fluminense F.Club, a primeira partida do jogo indígena “zicunati”, pelos indios Parecis*. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, p. 9, 26/11/1922. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=107670\\_02&Pesq=Zicunati&pagfis=12260](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=107670_02&Pesq=Zicunati&pagfis=12260)>. Acesso em: 25 jun. 2022.

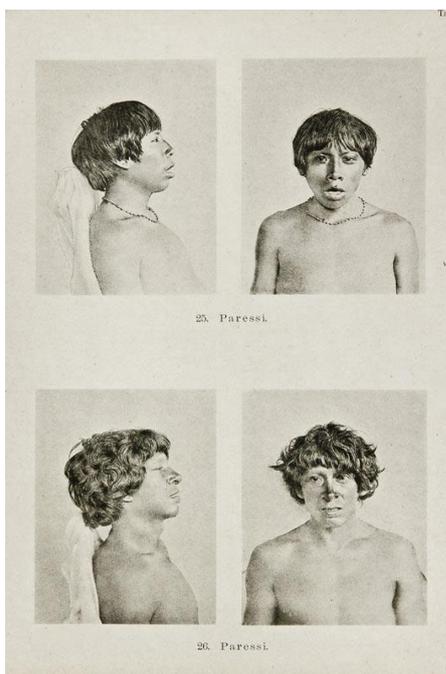
O *Imparcial* não advoga pela substituição como esporte nacional, mas entende a essencialidade de uma prática nacional ocorrendo na capital, tanto quanto explicita as regras do certame.



Perfilados os dois times de indígenas que jogaram a partida nas Laranjeiras.<sup>18</sup>

O *Imparcial* se diferencia ainda mais dos outros periódicos ao demonstrar um interesse científico no *zikonahiti*. Na entrevista com Cypriano Graco de Oliveira, um dos funcionários da missão de Rondon, são explicitadas perspectivas acerca dos Haliti e a função do jogo entre os mesmos, citando inclusive o etnólogo Paul Ehrenreich, que “determinava a existência de três ciclos míticos cada qual relacionado a uma família lingüística: Tupi-Guarani, Aruak e Karib.” (WELPER 2002, p. 41-42). Assim, para o membro da missão, a partida apresentada era ainda mais interessante, por se tratar de uma prática cultural inédita e não contemplada por nenhum dos etnólogos que se debruçaram sobre os povos Aruak, ou assim determinados pela teoria de Ehrenreich.

<sup>18</sup> ZICUNATÍ Uma palestra com o major Coloiressê. Chefe dos índios Parecis. O *Imparcial*. Rio de Janeiro, 25/11/1922. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=107670\\_02&Pesq=Zicunati&pagfis=12260](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=107670_02&Pesq=Zicunati&pagfis=12260)>. Acesso em: 27 out. 2022.



Fotografias de Indígenas *Halití* (*Paressí*) feitas por Paul Ehrenreich em 1897.<sup>19</sup>

O *Correio da Manhã* e *O Paiz*, publicados no dia posterior ao jogo (27/11/1922), concordam com o fato de que a atividade dos indígenas foi, em certos momentos, fatigante para os espectadores. No *Correio* lemos que, “o jogo é um pouco monótono e só quando sucede de haver uma situação mais difícil, é que se torna interessante”.<sup>20</sup> *O Paiz* diz: “O zicunati não é um jogo variado; ele tem golpes de saída, pelota fora, pontos e nada mais, a não ser a marcação de tempos.”<sup>21</sup> *O Paiz* e seus redatores são reconhecidos pela posição de apoio ao situacionismo durante os anos da República Oligárquica (LEAL, 2020), contudo, não enxergam legitimidade no projeto de busca de um esporte nacional no *zikonahiti*, o periódico acreditava que o futebol era o esporte ideal para representar o Brasil como um país “moderno” (GOMES, 2017).

As comparações com o esporte bretão são constantes, o *Correio da Manhã* cita que: “A partida foi disputada por dois *teams* (?) e em dois *half-times* (??). A literatura do *foot-ball* vai nos auxiliar um pouco para melhor explicar o jogo.”<sup>22</sup> A utilização das interrogações é proposital, denotando a dúvida sobre as regras do *zikonahiti*, os

<sup>19</sup> EHRENREICH, Paul. Paressí, 1887-1889. In, EHRENREICH, P. 1897. Acervo Arquivo Nacional. Disponível em: <<https://fotografia.povosindigenas.com.br/paul-ehrenreich/>>. Acesso em: 27 out. 2022.

<sup>20</sup> ZICUNATI, *algumas considerações sobre o jogo indígena*. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 27/11/1922, *Correio Sportivo*. p. 4. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842\\_03&pasta=ano%20192&pesq=zicunati&pagfis=12765](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_03&pasta=ano%20192&pesq=zicunati&pagfis=12765)>. Acesso em: 25 jun. 2022.

<sup>21</sup> ZICUNATI, *a partida de hontem disputada pelos indios parecis*. op. cit. p. 5. Acesso em: 25 jul. 2022.

<sup>22</sup> ZICUNATI, *algumas considerações sobre o jogo indígena*. *Correio da Manhã*, op. cit. Acesso em: 25 jul. 2022.

jornalistas colocam em cheque a sua valência e entendimento, o que fica ainda mais claro em outra passagem: “O leitor compreendeu? Se não compreendeu, a culpa não é nossa, porque está bem explicado...”.<sup>23</sup> O Paiz termina a matéria sobre o evento falando sobre a saudação à bandeira, mas o elogio final da narrativa não é para os indígenas, mas diz que “esta solenidade foi abrilhantada pelos escoteiros do Fluminense F.C.”<sup>24</sup>

É um posicionamento que demonstra a visão dos jornais em relação aos povos indígenas: são incompreensíveis. Isso se dá justamente porque o esforço dos redatores é localizar o jogo com métodos ocidentais, tentando fazer do *zikonahiti* um “futebol indígena”. A não ser pela presença da bola e de duas equipes posicionadas de forma contrária em campo, as duas práticas não são comparáveis. O jogo dos indígenas, diferentemente do bretão, está intrinsecamente relacionado à concepção ritualística dos *Haliti*, fugindo da perspectiva competitiva ou do lazer, encontrados no futebol naquela altura.

Isso porque, o *zikonahiti* costuma ser praticado depois de um rito tradicional chamado *Oloniti* que tem por característica contribuir na construção da pessoa *Haliti* como a busca na cura e a iniciação feminina. Tanto o é que a fabricação da bola de borracha - feita apenas pelos caciques de cada aldeia - é vedada quando há alguma mulher grávida na família. Percebemos a ligação estreita que a formação da pessoa indígena tem com a prática do jogo, desobedecer esses costumes leva a um grande prejuízo coletivo. Seeger, Da Matta e Viveiros de Castro teorizam sobre essa particularidade presente nos povos indígenas da América do Sul onde o indivíduo é “fabricado” desde a concepção até a puberdade que costumeiramente é a última fase para a vida adulta. E essa “fabricação” não é isolada e individual, ela conta com a contribuição de outros grupos étnicos, tal como ocorre durante o *Oloniti* que é composto por convidados de fora da aldeia representando espíritos ligados ao ritual.

A não competitividade do *zikonahiti* também parece ser incômodo aos periódicos, deixando transparecer que esperava-se a entrega de um produto nos moldes ocidentais. No site do ISA,<sup>25</sup> percebemos que o jogo dos *Halitis* não é disputado para que algum time se torne o vencedor, mas para que ambos os disputantes possam

---

<sup>23</sup> *ibid.*

<sup>24</sup> ZICUNATI, a partida de ontem disputada pelos índios parecis. O Paiz, op. cit.. Acesso em: 26 out. 2022.

<sup>25</sup> PARESÍ. Povos Indígenas no Brasil, 26 jul. 2018. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Pares%C3%AD#Nome>>. Acesso em: 07 jul. 2022.

chegar à vitória, ainda que o confronto seja estendido por mais que um dia. Isso, de certa forma, pode ajudar a compreender o tom monótono da partida em Laranjeiras narrada pelo *Correio da Manhã*.

Os jornais da capital mais críticos aos indígenas partem de uma perspectiva eurocêntrica para o evento do jogo. Percebe-se que ansiando por um modelo competitivo ocidental, se frustram ao observar uma prática que não tem por objetivo a definição de vencedores ou perdedores. A competitividade é um elemento que é marginal na prática dos *Haliti* e por isso o jogo já chegava ao Rio de Janeiro sem possibilidades de derrubar o futebol enquanto “esporte nacional”, ainda que, da parte dos indígenas, nunca tenha existido tal ambição.

Em detrimento dos esforços de *O Imparcial* em dispor um enfoque político para o evento, a ligação que *O Paiz* faz entre futebol e *zikonahiti* é vitoriosa em sua persistência no tempo. Em 1926, no intuito de insultar um jogador da Seleção do Espírito Santo por sua má qualidade, ele é comparado ao jogo dos *Haliti*: “O center-half pareceu-nos mais um jogador de zicunati do que de football. Os demais jogadores são bem medíocres”<sup>26</sup>. A frase foi escrita após a vitória da seleção carioca por 6x3 em um confronto contra os capixabas. É interessante notar a continuidade do jogo no imaginário local por meio da imprensa e como isso é apresentado de maneira a deteriorar a imagem dos indígenas ao comparar sua prática com as atitudes de um jogador que além de ser adversário dos membros do time da capital, é tido como “medíocre”.

## Conclusão

O processo de forjamento identitário - no qual foi discutido - se baseava nos preceitos europeus de nacionalidade, levando em consideração uma língua nacional, uma etnicidade própria e a constituição de uma história soberana. A instabilidade republicana e a falta de um sentimento de compartilhamento de seus ideais pelo povo fez com que a nação tivesse que se repensar. A “biografia” do Brasil, constituídos nos anos 20, incluiu os povos indígenas no modelo de brasilidade, mas essa participação

---

<sup>26</sup> VICTORIA, A. *do seleccionado do estado do Rio. O Paiz*, Rio de Janeiro, 05/10/1926. *Chronica dos desportos*, p. 24. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691\\_05&pesq=zicunati&pagfis=27148](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_05&pesq=zicunati&pagfis=27148)>. Acesso em: 25 jun. 2022.

era hierárquica e limitada, instrumentalizando a participação dos mesmos de acordo com a perspectiva ocidentalizante e urbana.

As comemorações do Centenário da Independência moveram os brasileiros em sentido a um patriotismo exacerbado promovido pela imprensa que teve papel central no desenvolvimento dessa retórica. Por meio do conceito desenvolvido por (ANDERSON 2008) foi notado que os jornais, em sua capitalização, são meios de extrema importância na influência do imaginário de nação. Isso também é observado no fenômeno do *zikonahiti*, são eles que fazem da prática algo reconhecido e tentam convencer da possibilidade do jogo indígena como um promissor substituto do futebol.

Porém, é necessário questionar o que falta para os *Haliti* e sua prática serem considerados nacionais e civilizados? Por mais que os dois termos surjam nos textos de *O Paiz* e do *Correio da Manhã*, a impressão é que os jornais se contradizem. As publicações tratam o certame como tom irônico, sempre em comparação com o futebol, que serve de parâmetro de compreensibilidade. Um olhar atual tende a perceber o jogo de origem britânica como esporte nacional de forma quase natural, todavia é necessário problematizar o aceite da sociedade com um modelo esportivo e competitivo que se impõe vindo do continente europeu.

No *zikonahiti* espera-se lógica e encontra-se a ausência da idealização tão buscada em 1922. O futebol seguiria representando o projeto de esporte unificador em detrimento de outras práticas como o “jogo de cabeça” dos *Haliti*, demasiadamente indígena. Para ser nacional de fato, ainda era necessário que se respeitassem lógicas civilizatórias vindas do continente europeu, portando noções de competitividade e sentido consideradas avançadas.

Considera-se, portanto, que o objetivo de substituir um esporte por um jogo de origens ritualísticas e nacionais não é alcançado. O *zikonahiti* porém, tem êxito em demonstrar as capacidades que a república tinha politicamente de demonstrar sua grandiosidade e pluralidade. Ao deslocar o chefe e homens do grupo indígena Haliti até a capital para saudar os símbolos nacionais e se apresentarem dentro de uma construção que reflete o poderio da elite física e econômica do país (NETO 1919 [2014], p. 42), a estrutura apresentada foi a de um Brasil que projetava sobre si possibilidades e que lidava cada vez mais com o seu gigantismo interior.

## Referências

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BANDEIRA, A. **A partida de “zicunati” e o sr. Calogeras.** *O Combate: Independência, Verdade, Justiça.* São Paulo, p. 2, 03/01/1923. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=830453&Pesq=Zicunati&pagfis=6261>>. Acesso em: 25/06/2022.

BARRETO, Lima. **Sobre o football.** In: VÁRIOS AUTORES. Um time de primeira: grandes escritores brasileiros falam de futebol. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2014. p. 59-64.

BELLOS, Alex. **Encontro das tribos.** In: \_\_\_\_\_. *Futebol: o Brasil em campo.* 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003. p. 73-75.

CARNEIRO, Édison. **A vez do preto (texto das orelhas da 2ª edição).** In: FILHO, Mário. O negro no futebol brasileiro. 5ª ed. Rio de Janeiro, Mauad X. (1964) 2010.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi.** 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CORREIO DA MANHÃ. In: LEAL, Carlos Eduardo. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro.** 2. ed. Rio de Janeiro: FGV - CPDOC, 2000. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-da-manha>>. Acesso em: 27/09/2022.

ESTÁDIO de Laranjeiras. **Fluminense Football Club.** site oficial. Disponível em: <<https://www.fluminense.com.br/sobre/estadio-de-laranjeiras>> Acesso em: 25/07/2022.

FREITAG; FASSHEBBER. **O zicunati:** representação do Brasil-Nação no início do século XX. In: ATHLOS. Revista internacional de Ciencias Sociales de la Actividad Física, el Juego y el Deporte. Vol. X, Ano V, 2016.

FREITAG; GOUVEA; FASSHEBER. **Zicunati x Football:** a peleja por um esporte de identidade nacional. In: XIII Reunião de Antropologia do Mercosul; GT 18 - Antropologia dos Esportes: intersecções de Gênero, Relações Étnico-raciais e Deficiência. Porto Alegre, 2019.

FRITSCH, Winston. **O ocaso da Primeira República.** In: BACHA, Edmar; CARVALHO, José Murilo; FALCÃO, Joaquim; TRINDADE, Marcelo; MALAN, Pedro; SCHWARTZMAN, Simon (Org.). *130 anos: em busca da República.* 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

GOMES, Eduardo de Souza. **A Reação Republicana e a imprensa carioca no VI Sul-americano de futebol em 1922: uma análise nas páginas de O Imparcial e Correio da Manhã.** *Revista Latino-americana de Jornalismo,* João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 147-171, jan. - jun. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ancora/article/view/35851>>. Acesso em: 23/06/2022.

GUERREIRO JÚNIOR, Antônio Roberto. **Ancestrais e suas sombras:** uma etnografia da chefia Kalapalo e seu ritual mortuário. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2015. p. 107.

IMPARCIAL, O. In: GASPARIAN, Helena. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV - CPDOC, 2000. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/imparcial-o>>. Acesso em: 27/06/2022.

JOGOS, *genuinamente nacionais*. **O Paiz**. Rio de Janeiro, p. 3, 12/11/1922. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=178691\\_05&pesq=zicunati&pagfis=27148](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=178691_05&pesq=zicunati&pagfis=27148)>. Acesso em: 25/06/2022.

LEAL, Carlos Eduardo. **Pais, O**. In. CPDOC - Verbete Temático. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/pais-o>> Acesso em: 28/09/2020.

LINHARES, Maria Yedda Leite. **Estado e sociedade: a consolidação da República Oligárquica**. In:\_\_\_\_\_. *História geral do Brasil*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2016. p. 307-312.

MAIA, Andréa Casa Nova; CARDOSO, Luciene Carris; SANTOS, Vicente Saul Moreira. **Lições do tempo: Temas em História e Historiografia do Brasil Republicano**. 1ª ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

MALAN, Pedro; SCHWARTZMAN, Simon (Org.). **130 anos: em busca da República**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019. p. 55-87.

MARTINS; RODRIGUES. **Zicunati, Xikunahity, Jikonahiti: o jogo Haliti-Paresi na cultura contemporânea**. In. *Revista Contemporânea*, Vol. 2, N. 4, p. 197-208. <<https://doi.org/10.56083/RCV2N4-012>>. 2022.

MOTTA, Marly Silva da. **A nação faz cem anos: a questão nacional no centenário da independência**. Rio de Janeiro: Editora FGV: CPDOC, 1992. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/6770>>. Acesso em: 10/06/2022.

NETO, Coelho. **Às pressas**. In. VÁRIOS AUTORES. Um time de primeira: grandes escritores brasileiros falam de futebol. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2014. p. 41-44.

PACHECO DE OLIVEIRA, João; FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. **A presença indígena na formação do Brasil**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me004372.pdf>>. Acesso em: 15/06/2022.

PAIS, O. In: LEAL, Carlos Eduardo. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV - CPDOC, 2000. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/pais-o>>. Acesso em: 27/06/2022.

PARESI. **Povos Indígenas no Brasil**. 26 jul. 2018. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Pares%C3%AD#Nome>>. Acessado em: 07/07/2022.

RONDON, Cândido Mariano da Silva. **Conferências realizadas nos dias 5, 7 e 9 de outubro de 1915 sobre trabalhos da Expedição Roosevelt e da Comissão Telegraphica**. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, de Rodrigues & C., 1916. 42 v. Disponível em: <<https://www.obrasraras.fiocruz.br/media.details.php?medialD=365>>. Acesso em: 10/07/2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 589-593.

SILVA, R. B. **Oloniti e o castigo da festa errada: relações entre mito e ritual entre os Paresi**. *Cadernos De Campo (São Paulo - 1991)*, 13(13), p. 91-100. <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v13i13>>. 2005.

SOARES, José Eduardo de Macedo. In: PECHMAN, Robert. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV - CPDOC, 2000. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/soares-jose-eduardo-de-macedo>>. Acesso em: 27/06/2022.

SOUZA LIMA, Antonio Carlos de. **Sobre tutela e participação: povos indígenas e formas de governo no Brasil, séculos XX/XXI**. *Revista Mana*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 425-457, ago. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132015000200425&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132015000200425&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10/07/2022.

VICTORIA, A. **do selecionado do estado do Rio**. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 05/11/1926. *Chronica dos desportos*, p. 24. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691\\_05&pesq=zicunati&pagfis=27148](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_05&pesq=zicunati&pagfis=27148)>. Acesso em: 25/06/2022.

WELPER, Elena Monteiro. **Curt Unckel Nimuendajú: um capítulo alemão na tradição etnográfica brasileira**. 2002. Dissertação (Mestrado) - Museu Nacional/PPGAS - UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

ZICUNATI. **Algumas considerações sobre o jogo indígena**. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 27/11/1922, *Correio Sportivo*. p. 4. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842\\_03&pasta=ano%20192&pesq=zicunati&pagfis=12765](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_03&pasta=ano%20192&pesq=zicunati&pagfis=12765)>. Acesso em: 25 jun. 2022.

“ZICUNATI”. **Effectua-se, hoje, no “stadium” do Fluminense F.Club, a primeira partida do jogo indígena “zicunati”, pelos índios Parecis**. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, p. 9, 26/11/1922. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=107670\\_02&Pesq=Zicunati&pagfis=12260](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=107670_02&Pesq=Zicunati&pagfis=12260)>. Acesso em: 25 jun. 2022.

ZICUNATI. **A partida de ontem disputada pelos índios parecis**. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 27/11/1922, *Sports: Foot-ball, Turf, Rowing e outros*. p. 5. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691\\_05&pesq=zicunati&pagfis=11543](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_05&pesq=zicunati&pagfis=11543)>. Acesso em: 25 jun. 2022.

ZICUNATÍ. **Uma palestra com o major Coloressê**. Chefe dos índios Parecis. *O Imparcial*. Rio de Janeiro, 25/11/1922. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=107670\\_02&Pesq=Zicunati&pagfis=12260](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=107670_02&Pesq=Zicunati&pagfis=12260)>. Acesso em: 27 out. 2022.

---

***Bruna Lacerda***

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, mestranda no Programa de Pós-Graduação em História. Integra o Grupo de Pesquisa em História Indígena no Brasil Republicano (GPHI-BR).

**Currículo Lattes:**

<http://lattes.cnpq.br/9083022625040908>

***Alessandro Wagner R. Possati***

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, mestrando no Programa de Pós-Graduação em História. Integra o Grupo de Estudos de Códices Mesoamericanos (CEMA-USP).

**Currículo Lattes:**

<http://lattes.cnpq.br/5623981577336566>

---

**Artigo recebido em:** 31 de julho de 2022.

**Artigo aprovado em:** 09 de novembro de 2022.